



EPA/NOUSHAD THEKKAYIL

Em relação às alterações climáticas, estamos a viver precisamente o momento Mbappé

Crónica

Paulo Faria

# O riso de Mbappé e a gargalhada de Urszula

Os sinais estão à vista, mas é ainda possível fazer de conta que nada se está a passar.

A água ainda corre nas torneiras,

as temperaturas estivais são ainda

suportáveis, resta um simulacro de estações

do ano que ainda nos permite recorrer

à terminologia de outrora.



**E**m Agosto, estive em Lodz, na Polónia. É a terceira cidade do país, com quase 700 mil habitantes. E é um lugar que não serve para nada. É uma não-cidade, um não-lugar.

Há poucas semanas, quando, numa conferência de imprensa do Paris Saint-Germain, sugeriram a Kylian Mbappé que a equipa viajasse de Paris para Bordéus de TGV (duas horas e meia de viagem), em vez de o fazer de jacto privado, ele desmanchou-se literalmente a rir. Rogério Casanova escreveu aqui no PÚBLICO uma crónica certa sobre o assunto. Mas deixou por explorar uma avenida: a possibilidade de o riso de Mbappé ser o riso nervoso de quem vê uma catástrofe a aproximar-se a passos largos e, sentindo-se impotente para a evitar, cai num riso incontrolável que é, no fundo, um mecanismo de defesa. Ao rir-me, digo a mim próprio e aos outros que o problema não é, afinal, tão grave como isso.

Lodz foi, desde o século XIX, uma espécie de Manchester continental, um dos grandes pólos da indústria têxtil europeia. Passados os desastres da Segunda Guerra, retomou esse papel no bloco comunista. No museu do maior complexo industrial da cidade, hoje convertido num gigantesco centro comercial, espaço de lazer e de escritórios chamado Manufaktura, vi uma curta-metragem de Krystyna Gryczelowska, *As nossas amigas de Lodz*, um documentário de 1971. Acompanhamos o quotidiano de três operárias têxteis da fábrica Poltex: Urszula, uma jovem de vinte e tal anos, ainda solteira, sem filhos; Helena, de trinta e tal anos, com filhos pequenos; e Genowefa, de cinquenta e tal anos, com filhas a entrar na idade adulta. Três mulheres em estádios crescentes de desencanto.

Em relação às alterações climáticas, estamos a viver precisamente o momento Mbappé: os sintomas e sinais estão à vista de todos, mas é ainda possível rirmo-nos, fazendo de conta que nada se está a passar. A água ainda corre nas torneiras, as temperaturas

estivais são ainda suportáveis (embora se aproximem a passos largos do limiar do insuportável), resta um simulacro de estações do ano que ainda nos permite recorrer à terminologia de outrora (Primavera, Outono e assim por diante), as prateleiras dos supermercados mantêm-se cheias de produtos. Cá no íntimo, porém, todos percebemos já que é apenas uma questão de tempo. Mas, como a imensidão das mudanças necessárias se nos afigura intransponível, rimos nervosamente, como Mbappé.

Urszula gostava de prosseguir os estudos, mas não é fácil. O capataz recusa dar-lhe folgas. Diz-lhe que, já que decidiu inscrever-se no ensino nocturno, terá de se governar como puder. O trabalho na fábrica é duríssimo. Vemos as mulheres a empurrar pesos brutais, ouvimos o ruído ensurdecador, pressentimos o perigo que aqueles teares mecânicos representam. As operárias vivem em apartamentos exíguos, degradados, gélidos no Inverno. Os filhos de Helena têm frio. Genowefa sonha dar às filhas uma vida melhor, mas o corpo ressentido dos anos de labuta na fábrica, da interminável lida doméstica. O marido bebe, não a ajuda. As filhas referem-se ao pai como um autêntico inútil.

João Reis publicou há pouco tempo um romance pós-apocalíptico intitulado *Cadernos da Água*. É uma história em que a Península Ibérica, assolada por uma seca brutal resultante das alterações climáticas, se tornou um lugar inabitável. O Estado português entrou em colapso. Já não existe uma entidade jurídica e administrativa chamada Portugal. Muitos portugueses vivem em campos de refugiados nos países do norte da Europa, onde ainda há água. O romance de João Reis retrata o que se vai seguir ao riso de Mbappé.

Antes da queda do Muro, havia quem viajasse até ao “lado de lá” e depois nos contasse como era. Ouvi inúmeras declinações das frases: “Não sou consumista, mas fez-me muita impressão as prateleiras dos supermercados sem cores, as embalagens todas brancas, todas iguais. E tão pouca coisa à venda...” Ninguém se dizia consumista, porque já então a palavra tinha laivos de insulto, mas a todos, paradoxalmente, incomodava a ideia de haver limites ao consumo. Mais concretamente: a todos incomodava a ideia de haver outros limites ao consumo, além do dinheiro que temos (ou que não temos) na carteira. Dito de outro modo: deixámos que se confundissem duas coisas bem diferentes, liberdade de consumo e liberdade *tout court*. Mbappé ri-se também por isto: porque a obrigação (nem que seja formulada no mero plano moral) de trocar o jacto privado pelo TGV, podendo pagar o jacto privado, lhe parece um inaceitável atentado à sua liberdade

individual. Uma imposição do domínio do absurdo, do risível. E, nesse aspecto, ele pensa exactamente como qualquer um de nós.

Em 1989, ao capitalismo triunfante ofereciam-se duas alternativas: apostar na recuperação de centros industriais como Lodz, modernizando-os e tornando-os amigos do ambiente e das pessoas que lá trabalhavam, ou reproduzir, no continente asiático, o mesmo modelo de produção oitocentista e novecentista. Isto é, fábricas altamente poluentes, trabalho quase escravo, deletério para a saúde física e mental dos operários, produção e consumo desenfreados. O facto de a primeira das alternativas que acabo de formular nos soar inapelavelmente lírica e quase ridícula dá bem a medida da nossa tragédia. Em escassos anos, na década de 90, todas as fábricas têxteis de Lodz fecharam. Todas. Quase de um dia para o outro, Lodz passou a ser a cidade polaca com a maior taxa de desemprego. Com a maior taxa de suicídios. Uma cidade que deixou de servir. “Andamos há trinta anos”, disse-me um amigo de Lodz, “a tentar perceber o que queremos ser. Acho que ainda não descobrimos.” No centro comercial do Manufaktura há inúmeras lojas de marcas de roupa, as mesmas que se encontram em todo o mundo: Zara, Mango, Levis, Benetton, e assim por diante. Roupa a preços irrisórios, com custos ambientais avassaladores. Uma percentagem significativa das peças de roupas ali expostas não chegará sequer a ser usada por ninguém, e acabará directamente no lixo. Em 1989, Urszula andava pelos quarenta anos. Certamente era ainda operária, certamente sentiu na pele o fim do seu mundo. Desconfio que, para ela, os amanhãs nunca cantaram.

O riso de Mbappé é também, afinal, o riso constringido e involuntário que nos assalta perante o absurdo do mundo que deixámos que criassem em nosso nome. Confundindo liberdade de consumo com liberdade, criámos a tempestade perfeita. Mais cedo do que pensamos, teremos de abdicar de uma parcela da nossa liberdade. Resta apenas saber qual será a dimensão dessa parcela. Os refugiados ambientais, os ex-portugueses da distopia dos *Cadernos da Água*, de João Reis, não são livres. O riso de Mbappé é, no fundo, o riso amargo de quem está prestes a perder a liberdade.

O meu texto, porém, não pode acabar assim. É preciso continuar a viver. Tenho filhas, também eu, como Genowefa. Mais dia menos dia, serei avô. Um casal de grandes amigos meus terá muito em breve um filho, o primeiro, que se vai chamar Lucas. É preciso contrapor ao riso de Mbappé um outro riso que seja redentor. Em 1971, Urszula praticava bailado. Vemo-la numa aula, ao ar livre, descalça, muito compenetrada. Tem um rosto carnudo. No início do documentário, disse que, se pudesse, alterava o nariz, porque gostava de o ter mais fino e mais pequeno. Seguindo as indicações do professor, executa um movimento de dança juntamente com as colegas de classe. Mas depois desequilibra-se, dá um passo em falso, fita a câmara e desmancha-se a rir.

## Confundindo liberdade de consumo com liberdade, criámos a tempestade perfeita